

CAROLINA DE OLIVEIRA GIANNONI CAMARGO



TCC/UNICAMP
C14b
FE

621,817,006

**“Brincadeiras” que fazem chorar: uma análise de
alunos agressores na perspectiva do fenômeno
bullying.**

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

2006

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA



UNICAMP

CAROLINA DE OLIVEIRA GIANNONI CAMARGO

**“Brincadeiras” que fazem chorar: uma análise de alunos
agressores na perspectiva do fenômeno bullying.**

Trabalho de Conclusão de Curso referente ao último semestre do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Orientado pela Profa. Dra. Ângela de Fátima Soligo. Realizado pela aluna Carolina de Oliveira Giannoni Camargo.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

2006

***"A educação é aquilo que permanece depois que tudo o que aprendemos foi esquecido."
Burrhus Frederic Skinner***

A Mário Sérgio por possibilitar-me
estar onde estou, ser o que sou e
viver o que vivi.

CK - mueli

*Agradeço a Mário Sergio, Neyde, Camila, Silvana, Caio,
Lionel e Ângela Soligo que colaboraram para a realização
deste trabalho. Em especial a Thiago e Giovanni por diariamente
contribuírem para que esta pesquisa pudesse ser concluída.*

RESUMO

Neste presente trabalho foram discutidas as relações sociais que contribuem para a construção e/ou reforço da conduta agressiva identificada nos alunos envolvidos com o fenômeno Bullying. Através de um questionário aplicados a alunos da quinta série, analisei como, quando, porque e qual o sentimento agregado por parte dos agressores e dos agredidos que permeiam os episódios de agressão. O foco principal do trabalho foi os alunos agressores, e os resultados indicam para esses as seguintes características: os agressores são vistos pela turma da escola como o "valentão", uma pessoa que quer aparecer e utiliza formas agressivas como bater, brigar e xingar para que se concretize o seu desenho. Outro dado importante revelado, no grupo pesquisado, o bullying foi apontado como existente na escola por 68% dos entrevistados, o que nos permite considerar que este é um fenômeno freqüente, que merece preocupações e estudo por parte da escola e das universidades.

Palavras - chave: bullying, preconceito, agressão e violência.

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	8
2. A pesquisa.....	11
3. A construção histórica e conceitual do fenômeno bullying.....	15
3.1 O bullying e sua perspectiva histórica.....	15
3.2 O que é bullying?.....	17
3.3 Personagens e seus papéis no bullying.....	20
4. A construção e a atuação dos agressores no fenômeno bullying.....	24
5. Bullying e o preconceito: o outro.....	31
6. A relação bullying com os fenômenos sociais.....	36
6.1 A escola: território adequado para o Bullying.....	36
6.2 Cyberbullying – a agressão na Internet.....	40
6.3 A influência da mídia na formação do preconceito.....	44
7. Apresentação dos resultados da pesquisa de campo.....	48
8. Conclusão.....	61
ANEXO 1.....	64
BIBLIOGRAFIA.....	65

1. APRESENTAÇÃO

Vivemos em uma sociedade formada por conflitos. Conflitos de classes, de gêneros, de raças, cor, etnias; atritos internos e externos.

A escola, espelho desta sociedade, como não poderia deixar de ser está repleta de conflitos e nos últimos anos, vêm se destacando nesta instituição e tornando-se foco para muitos pesquisadores, a violência.

A violência, desde o início dos tempos, faz parte da sobrevivência da espécie, seja ela humana ou animal. É uma forma de interação, de defesa, de ataque, de relacionamento, de trocas, de contato.

...a violência é um dos elementos estruturantes da sociedade, é uma herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional, ou seja, é uma estrutura constante do fenômeno humano que, de forma paradoxal, representa um certo papel na vida em sociedade. (TEIXAIRA, apud Guimarães, 1996).

A violência escolar ou na escola pode ser observada por vários aspectos. Existe a violência que atinge o patrimônio público e/ou histórico, consolidado através da degradação de carteiras, mesas, sanitários, pichação de paredes e outros correlacionados.

Por outro lado existe também a violência entre membros da comunidade escolar, que diretamente atinge alunos, professores, funcionários, pais, direção e inclusive os direitos humanos quando estes não são respeitados.

Neste trabalho de conclusão de curso busco levantar dados, conceitos e fatos sobre uma vertente da violência ainda pouco estudada, conhecida e discutida no Brasil, porém pesquisada no exterior desde a década de setenta. Refiro-me ao Bullying.

... Trata-se de um comportamento ligado a agressividade física, verbal ou psicológica... Não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física ou psicológica, são repetidamente impostas a indivíduos

particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização. (CONSTANTINI, 2004, p. 69).

O Bullying, tema pelo qual me envolvi e que pretendo dar continuidade aos meus estudos após o término deste trabalho de conclusão de curso, por estar pouco difundido em nosso país, como citei acima, possui uma bibliografia ainda escassa.

Deixo claro que a busca por um referencial teórico e materiais impressos aqui no Brasil foi dificultada pelo fato de possuir a maior parte das obras existentes sobre o bullying publicadas no exterior e com pouquíssimos exemplares disponíveis em nosso país.

Vale destacar também que as obras traduzidas são mais raras ainda do que as publicadas no Brasil em língua estrangeira.

Porém há um dado animador que pude constatar: desde o início da minha pesquisa notei um crescente conhecimento e interesse da população sobre o tema, e mais, os pesquisadores brasileiros, mesmo em pequena escala, começam a publicar sobre o assunto.

Nesta pesquisa minhas reflexões serão baseadas em uma elaboração teórico - prática, no qual farei um breve levantamento de dados e conceitos sobre o meu tema de pesquisa, o bullying, e em seguida apresentarei as observações e os resultados da minha ida a uma escola pública da rede estadual localizada no município de Campinas.

Deixo aqui registrado que mais do que um trabalho sobre bullying e a tentativa de explicação do seu conceito, pretendo focalizar minhas atenções e meus olhares para um dos personagens principais no bullying: o agressor.

Ressalto a importância do conhecimento sobre o bullying para a sociedade em geral; pais, filhos, professores, alunos, enfim toda a comunidade

social e escolar deve saber que o bullying existe e está presente em nosso meio.

Principalmente porque muitas vezes ele é interpretado como uma simples brincadeira entre amigos. Quando na verdade, se incluído o bullying neste conjunto, devemos citá-lo então como uma “brincadeira” que machuca a alma e faz chorar, pois por mais que o tempo passe, as marcas ficarão registradas em suas vítimas para sempre.

2. A PESQUISA

A elaboração deste trabalho foi realizada de forma a coletar dados, teorias, episódios e outros documentos levantando a necessidade de buscar na prática, relatos que concretizassem os estudos realizados até momento.

Primeiramente coletei dados teóricos que levantaram várias questões sob a qual fundamentei meu tema.

Através de um breve levantamento de dados, conceitos, materiais, autores e bibliografias, eu pude identificar minha temática e pesquisar formas para responder as minhas indagações:

- *Quais os fatores que ajudam a construir a mente de um agressor no fenômeno bullying?*

- *O que pode interferir nesta construção?*

- *Quem são os responsáveis pela manutenção destes comportamentos?*

Cheguei à conclusão que para responder as perguntas citadas acima, utilizaria como base teórica elementos de estudo sobre bullying e preconceito. Feito isso pude partir para a segunda etapa da pesquisa.

Dando continuidade, após toda a parte teórica, fui até uma escola pública da rede estadual localizada no município de Campinas. Lá iniciei a parte prática da minha pesquisa em duas etapas.

Primeira etapa: observação. Nesta, estive durante cinco dias observando os alunos da quinta série em suas atividades fora da sala de aula.

Minha presença se deu nos seguintes espaços: pátio, durante a hora do intervalo; corredores, durante as trocas de professores; quadras, durante a aula de educação física; e por último, banheiros femininos.

Deixo claro que optei por não entrar em banheiros masculinos devido ao constrangimento que os alunos meninos poderiam sentir com a minha presença.

Segunda etapa: questionário. Baseada nas pesquisas de Dan Olweus, (1993), eu elaborei um questionário para tentar identificar como pensam os agressores, quem são eles, e por que agem de forma agressiva.

Dan Olweus em seus estudos iniciais elaborou um questionário com vinte e cinco questões, com respostas de múltipla escolha, verificando a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores. (OLWEUS, 1993, APUD www.bullying.com.br, 29/08/2005).

Meu questionário (anexo 1) é constituído de sete questões, todas elas dissertativas. Utilizando três imagens, elaborei perguntas sobre as situações presentes nas determinadas fotografias.

Continham nestas perguntas elementos que pudessem levar a uma identificação de agressores dentre os vinte e cinco alunos observados, todos da quinta série.

Além disso, as questões puderem mostrar os sentimentos envolvidos e as ações praticadas de acordo com cada situação apresentada no questionário.

A pergunta número um e a de número dois (anexo 1) são compostas baseadas em uma imagem que trata-se de uma situação em que, um aluno estaria sendo o motivo para chacotas e gozações em meio a uma turma, levando-o a chorar.

Na primeira questão busquei identificar a interpretação de cada aluno com relação à cena apresentada e, em seguida, durante a pergunta número dois, uniria as singulares interpretações, aos motivos que cada um deu para a razão das determinadas atitudes.

As perguntas número três e número quatro foram construídas sob o olhar de uma figura (anexo 1) que mostra ações de um agressor, de uma vítima e das pessoas que presenciavam a cena, os espectadores.

Nesta figura, um menino caracterizado como um agressor joga uma bola de papel na cabeça de um colega de classe que, através da fotografia, nos permite entender que a vítima não está gostando dessa atitude.

Atribuí o “sentimento” com relação a essa ação na questão número três ao perguntar o que cada aluno, da quinta série, sente ao ver tal imagem.

Completando ainda as informações sobre essa figura, na quarta questão busquei coletar informações pessoais sobre qual seria o sentimento dos personagens (agressor, vítima e espectadores) na cena.

A quinta pergunta do questionário (em anexo), contém uma fotografia a ser analisada. Esta foto mostra um garoto caído no chão, apanhando de três meninos que estão em pé. Em seguida levanto a questão da “ação”. Por que o menino que está no chão age dessa forma? E por que os garotos que estão em pé possuem tais atitudes? Essas foram as duas perguntas presentes na questão número cinco a serem respondidas pelos estudantes da quinta série.

Uma outra pergunta, a sexta do questionário, busca identificar dados concretos sobre a existência do bullying na escola e as suas formas de manifestações.

A sétima e última questão fala diretamente com o aluno que responde os questionários. Qual é o seu sentimento com relação às atitudes vistas e interpretadas no questionário respondido? O aluno não mais responderá sobre o que ele acredita sentir os personagens ou o motivo pelo qual leva os tais a agirem de acordo com as presentes cenas e fotografias no questionário. Responderá apenas sobre os seus próprios sentimentos.

Além dessas questões, as perguntas também levariam a um levantamento de dados sobre a violência nestas turmas de quinta série, como se comportam os alunos diante a agressividade, e quais os papéis destes nas devidas situações.

A análise dos questionários se encontra no final deste trabalho (anexo um).

3. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E CONCEITUAL DO FENÔMENO BULLYING

3.1 O bullying em sua perspectiva histórica

Vinte de abril de mil novecentos e noventa e nove, Eric e Dylan chegam a Columbine high school, em Colorado nos Estados Unidos, pouco antes do meio dia, hora do almoço na escola. Abrem fogo inicialmente no refeitório matando primeiro um professor. Em seguida caminham pelos corredores carregados de armas automáticas e vestidos com seus casacos pretos, procurando por suas vítimas e matando-as friamente ao encontrá-las.

Depois de mais doze corpos caídos sem vida, Eric e Dylan apontam suas armas para suas próprias cabeças e drasticamente colocam fim a essa tragédia e as suas próprias vidas. (www.columbine.hpg.ig.com.br, acessado dia 12 de novembro de 2006).

Aparentemente podemos observar uma brutalidade e uma maldade sem fim por parte desta dupla de jovens assassinos.

Mas a questão que quero chamar a atenção é o motivo pelo qual levou estes garotos e ainda leva também muitas pessoas a cometerem tais atitudes violentas.

Não se trata de uma justificativa por tal atitude, muito menos concordo com soluções drásticas para as soluções de determinados problemas.

O que quero ressaltar é que estes jovens, Eric e Dylan, não cometeram estes assassinatos e depois se suicidaram apenas por fazer. A questão é mais profunda e séria do que imaginamos.

Nossa mente, quando mantida sob pressão e unida a um determinado conjunto de valores e fatores, pode nos levar a tais comportamentos.

Eric Harris tinha 17 anos e era filho de um militar da reserva. Seu pai mantinha um site na internet que ensinava a fazer vários modelos de bombas.

Dylan Klebold, com 18 anos participava junto com o seu amigo Eric, segundo Osmar Freitas Junior, de um grupo denominado "*The trench coat mafia*", traduzidos como "*A Máfia da Capa*". Juntos com mais ou menos 20 integrantes faziam apologia ao satanismo, ao racismo, as armas e aos jogos (games) violentos.

Eric e Dylan, além de terem em comum tais estilos de vida citados acima, o que os ligava era também o fato de ambos serem motivos de gozações e humilhações na escola.

O mais assustador é que a maioria das suas vítimas eram as pessoas que ao longo dos anos vieram a marginalizar esses dois jovens. Suas vítimas os apelidavam e, segundo Osmar Freitas Junior, chegaram a rotular Eric e Dylan como "bocós". (www.columbine.hpg.ig.com.br, acessado dia 12 de novembro de 2006).

Uma possibilidade é que o histórico de vida de Eric e Dylan não os levaria a tais atitudes se as humilhações e agressões psicológicas sofridas não tivessem ocorrido.

Enfim, este dia trágico foi repleto de dor e sofrimento para muitas pessoas ligadas a Columbine High school. Mas foi um dia importante para a sociedade no sentido de saber que bullying existe e é capaz de chegar a tais extremos como no exemplo citado.

Podemos observar que é sempre depois de um ato de violência, de choque, que as grandes mudanças acontecem.

Para MAFESSOLI (1987), “é sempre por um ato de violência que se inicia um novo sistema social” e foi também neste contexto, ou seja, depois de tragédias como a de Columbine, que o bullying ganhou destaque e passou a ser visto com outros olhares pela sociedade.

Esta tragédia, tantas vezes já citada ao longo deste capítulo, foi uma das várias acontecidas pelo mundo a fora. Tanto é que um professor chamado Dan Olweus, na década de setenta, iniciou uma pesquisa nas escolas norueguesas sobre alunos agressores e alunos agredidos.

Olweus, na época, não ganhou respaldo da sociedade e sua pesquisa não foi vista como importante. Porém, na década seguinte, devido a um incidente em que três jovens, com idades que variam entre dez e catorze anos se suicidaram aparentemente por motivos de agressão na escola, Dan Olweus ganha a atenção das instituições escolares, dos pais e do mundo. (www.bullying.com.br, 29/08/2005).

Ao estudar muitas as situações de agressões nas escolas, depois de ter entrevistado pais, professores e alunos, Olweus cria um termo denominado “*bullying*” para designar uma situação de agressão que possui características fundamentais, diferenciando-o assim de outros tipos de agressões.

3.2 O que é bullying?

Bullying, de acordo com o “*The Landmark dictionary*” (1996), tem origem no termo Bully. Bully por sua vez significa brigão, valentão, tirano. Sendo

assim, bullying como verbo denota, segundo este mesmo dicionário, ameaçar, intimidar, maltratar.

No Brasil o tema escolhido para tratar o assunto foi bullying, assim como nos Estados Unidos. Na Itália, segundo CONSTANTINI (2004) para definir tais atitudes, o termo usado é Bulismo. Segundo FANTE (2005), "existem outros termos para conceituar esses tipos de comportamentos. Mobbing é um deles, empregado na Noruega e na Dinamarca; mobbing, na Suécia e na Finlândia".

Mobbing é uma palavra que durante as minhas pesquisas encontrei diferentes formas de interpretação. Por exemplo, FANTE (2005) escreve que mobbing é um termo referente a indivíduos que ridicularizam outros indivíduos, para ela quando uma pessoa atormenta, hostiliza e molesta outra, o termo mobbing é empregado.

Já para CONSTANTINI (2004) o mobbing é um

...Fenômeno novo que ocorre em locais de trabalho, nos quais aqueles que exercem algum tipo de poder, ou que simplesmente têm ascendência psicológica sobre os mais fracos, descarregam sua agressividade cotidiana em indivíduos ou vítimas; estas não têm, pela função exercida ou por características pessoais, possibilidade de reagir.

Por fim, bullying é uma situação em que existe agressão física e/ou psicológica ocorrida de forma intencional (intencional porque o agressor tem clareza de seus atos e sabe que a vítima de sua agressão não gosta de suas atitudes e mesmo assim as faz), repetitiva (para as agressões serem caracterizadas como bullying, essas devem ocorrer com certa frequência) e, aparentemente, sem um motivo que justifique tal agressão.

... bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia, e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam, e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying. (FANTE, 2005, p.28).

O bullying está presente em qualquer lugar onde exista uma relação interpessoal. Não é privilégio de apenas alguma classe social, gênero, cor, raça ou etnia, ele abrange todas as pessoas.

Geralmente as pesquisas que encontramos sobre bullying se referem aos adolescentes e o seu convívio escolar. Ou seja, quando ouvimos a palavra bullying logo associamos a jovens e a escola.

Meu trabalho também trata sobre o bullying na escola. Porém, quero deixar claro que o bullying pode ser encontrado no trabalho, na igreja, na família, no clube, nos condomínios residenciais, enfim, em qualquer lugar onde haja uma relação de poder e de convívio entre as pessoas.

Existe também o bullying entre os adultos. Um caso clássico e antigo se dá nos quartéis, no qual os jovens recrutas passam pelos chamados "trotes", que nada mais são do que um abuso de poder dado através da violência física e psicológica cometidos pelos militares mais antigos.

É evidente que as situações de bullying são mais agravadas na adolescência por ser uma das fases de maiores mudanças emocionais, corporais, sociais e psicológicas na vida de qualquer pessoa.

Por isso acredito na importância de um estudo sobre o bullying e de programas como forma de combatê-lo e de conhecê-lo. Isso porque no bullying as agressões são muito marcantes tanto para quem é agredido quanto para quem agride.

...Sobre esses comportamentos, às vezes considerados irrelevantes, pesa de maneira decisiva a ausência de intervenção por parte dos adultos. É essa falta de respostas que facilita a formação e a consolidação de modelos de comportamento, os quais, de fato, rotulam quem é vítima e quem é agressor. (CONSTANTINI, 2004, p.70).

Ao estudarmos o fenômeno Bullying, podemos notar que os papéis de seus personagens, ou seja, das pessoas que fazem parte deste processo de agressão, são bem definidos.

Portanto temos no bullying os seguintes atores: a vítima, o agressor e as pessoas que assistem as cenas de agressão, os chamados espectadores.

3.3 Personagens e seus papéis no bullying

Conforme já citado neste trabalho e, segundo FANTE, (2005), os pesquisadores sobre este comportamento agressivo, bullying, identificaram e decidiram definir os papéis de seus atores, dando um nome aos personagens deste fenômeno.

São três os personagens: a vítima, o agressor e os espectadores. Apresentarei brevemente estes papéis ao leitores e deixarei para falar mais detalhadamente sobre o agressor nos capítulos seguintes.

A definição individual dos personagens será feita seguindo a ordem apresentada acima, porém antes acho importante esclarecer que,

... o bullying se desenvolve concomitantemente a um período particular da adolescência, distinguindo por um amadurecimento diferente dos jovens das primeiras séries em relação aos das séries mais adiantadas, ... envolvendo quem é mais imaturo, quem está vivendo o ápice da fase evolutiva, quando não é mais criança, mas ainda não se tornou um jovem maduro. (CONSTANTINI, 2004, p.72)

Como citado acima iniciarei as definições dos papéis pela vítima.

As características da vítima geralmente são a timidez, pouca sociabilidade, aspecto físico mais frágil que os de seus colegas de classe, passividade, submissão, baixa auto-estima, alguns aspectos depressivos, dentre outros.

Às vezes a vítima pode ser um aluno novo na escola, que, pelo fato de não ter ainda um círculo de amizade dentro da sala de aula, possui poucos recursos de defesa e de ajuda para uma possível reação.

Segundo FANTE, (2005), "a vítima típica sente dificuldade de impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem uma conduta habitual não-agressiva, motivo pelo qual parece denunciar ao agressor que não irá revidar se atacada e que é "presa fácil" para seus abusos".

FANTE, (2005), classifica as vítimas em três categorias e nomeia-as em vítima típica, vítima provocadora e vítima agressora.

Vítima típica, segundo a autora, seria a que venho relatando até o momento. Para FANTE, (2005), existe uma vítima que por possuir um "gênio ruim", atrai para si inúmeras reações agressivas por parte de seus colegas e por isso ela a classifica como vítima provocadora. Deixo claro que não encontrei em outros livros e artigos uma classificação parecida com a que a autora fez.

Além dessas duas existe a vítima agressora, e é para FANTE, (2005), aquela que pode ser vítima e em um determinado lugar e descontinuar a sua "raiva" em outra pessoa, noutro ambiente. Detalharei mais em outro capítulo.

As conseqüências para a vítima são inúmeras e podem deixar marcas para toda a vida. Elas variam entre o desinteresse pela escola ou por alguma disciplina oferecida nessa instituição, aumento em grande escala da baixa auto estima ou ausência dela, falta de vínculo afetivo com colegas por querer sempre mudar de escola, ansiedade, depressão, pensamentos suicidas, transtorno comportamental, assassinatos e atos de suicídio.

Segundo CONSTANTINI, (2004),

...A vítima freqüentemente não encontra condições para recuperar-se porque não há clima de proteção física e muito menos ajuda necessária (às vezes reclamada, como confirmam os dados) de um adulto que interrompa a situação de bullying e que também seja capaz de dar reforço psicológico ao mais fraco.

Um outro personagem do bullying, que é um dos temas centrais do meu trabalho de conclusão de curso, é o agressor.

Falarei sobre ele de forma bem superficial, pois tratarei sobre este papel mais detalhadamente no capítulo "A construção e a atuação de um agressor no fenômeno bullying".

Uma pessoa com pouca empatia, de linguajar exagerado em um tom muito alto, que costuma vitimizar os mais fracos e que utiliza formas de comportamentos violentos e agressivos para a resolução de conflitos, geralmente costuma ser uma forte candidata ao papel de agressor.

Além desses fatores, se o intimidador - nome dado ao agressor por CONSTANTINI, (2004),

...por sua vez, não encontra a contenção necessária contra a impulsividade e a agressividade em um contexto no qual se sente perfeitamente à vontade e que lhe parece sem regras e sanções significativas. Não encontra, principalmente, adultos que saibam escutá-lo e que o ajudam, inclusive em ações de enfrentamento, a tomar consciência e sair desse papel que construiu para si mesmo (às vezes a única maneira que conhece para socializar-se), sensibilizando-o para relações sociais mais construtivas. (CONSTANTINI, 2004, p. 75)

O agressor, tanto as meninas como os meninos, costumam não aceitar facilmente as regras e reagem a determinadas imposições, principalmente se forem contrariados. Ele pode roubar, bater e até mesmo adotar condutas anti-sociais como o vandalismo.

Porém, existem também aquelas pessoas que não são vítimas e nem agressores, mas que participam dessas situações de agressões e de conflitos como uma platéia. Refiro-me ao espectador.

Segundo FANTE, (2005), "representa a maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor".

Os espectadores não sofrem agressões diretamente. O que não quer dizer que eles não sofram, pois muitos querem ajudar seus colegas e os livrarem de tais situações de agressão e, indiretamente, acabam se magoando e ficam chateados e inquietos por acharem que não podem ajudar seus colegas.

É comum o rendimento escolar dos espectadores cair quando estão sob uma situação de pressão, pois a concentração para com afazeres passa a ser dividida com o sentimento de insegurança e tristeza que sentem por não ajudarem as vítimas.

Além disso, alguns espectadores tendem a “ir na onda” dos agressores, pois assim garantem que no futuro, não se tornarão as próximas vítimas. O que eleva ainda mais a expansão do fenômeno bullying.

4. A CONSTRUÇÃO E A ATUAÇÃO DOS AGRESSORES NO FENÔMENO BULLYING.

Não podemos citar um motivo pelo qual uma pessoa torna-se um agressor. Seria muito excludente dizer que determinado acontecimento seria a única razão para que, ao longo dos anos, se construa a mente de um agressor.

A verdade é que muitos são os fatores que determinam o comportamento individual das pessoas e, sobretudo, muitas são as vertentes e as interpretações dos atos que são considerados violência.

Como veremos neste presente trabalho, a relação entre adultos e adolescentes, a influência da mídia através de filmes, músicas, programas de televisão e games, o computador, a rede de comunicação Internet, e inclusive a cultura da sociedade em que vivemos são fatores determinantes para a construção do nosso ser, pensar e agir.

...Todos esses acontecimentos formam um cenário que vem mudando rapidamente e envolve não só o comportamento social necessário para adequar-se ou reagir a eles, mas condiciona também o nível comportamental individual e, como consequência, a ação educativa, a transmissão de valores, de modelos e de regras, dirigidos às novas gerações. (CONSTANTINI, 2004, p. 36).

A escola, como vimos anteriormente, é um palco para inúmeros conflitos e inúmeras possibilidades de construção. Sendo assim, a violência encontra-se presente em todos os cantos dessa instituição e se dá por vários motivos.

Os meninos, por exemplo, utilizam como forma de contato físico com seus colegas também meninos, atividades que, para eles, são consideradas brincadeiras, mas que para os adultos, não passam de pura violência. É o caso de uma brincadeira comum nas escolas de Campinas e região, o chamado "*passou levou*", no qual forma-se um corredor de meninos e a cada momento um garoto passa entre seus colegas levando tapas, ponta - pés e empurrões.

Podemos observar claramente um outro exemplo como o citado acima, no qual, GUIMARÃES, (1996), nos conta da seguinte forma sua experiência em uma escola:

...Mesmo parada junto a uma escada, cheguei a levar socos nas costas de alguns meninos que corriam sem olhar para frente. Era muito comum um dos garotos sair batendo nos outros, e os que apanhavam corriam atrás dele. Não era propriamente uma briga, pois pareciam estar se divertindo.

Este contato físico entre os garotos é diferente do contato que ocorre entre as meninas. Estas desde pequenas brincam de casinha, de escolinha, de mamãe e filhinha enfim, brincam com atividades que permitem em si o toque, o contato.

Então muitas vezes decorrente das brincadeiras dos garotos, brincadeiras que se caracterizam por serem causadoras de atritos, de serem mais rudes e violentas, que surge o contato entre estes garotos e, através deste, uma relação afetiva necessária para o convívio dos meninos.

Portanto às vezes a violência está presente e pode ser interpretada de forma diferente, dependendo do olhar de quem a vê.

Costumo dizer que brincadeira, não importa qual, seja ela "esconde - esconde" ou "passou levou", só é brincadeira de verdade quando todos os participantes estão se divertindo.

Ou seja, caso algum garoto não queira, porém mesmo assim seja obrigado a caminhar pelo corredor do "passou levou", não é mais brincadeira e sim uma agressão.

Nem todas as agressões são bullying. Não devemos errar apontando como bullying todas as agressões e violências acontecidas na escola, para assim, não levarmos a uma banalização do termo.

Da mesma forma que não são todas as agressões caracterizadas como bullying, nem todos os agressores e nem todas as pessoas que cometem atos de violência são participantes deste fenômeno.

Os *bullies*, como são chamados os agressores no bullying, possuem característica que os distinguem dos demais. Voltando ao início do texto, bullying é toda a agressão, psicológica e/ou física, que acontece de forma intencional e repetida.

Portanto os agressores no bullying agem de forma consciente e persistem em suas agressões sem limites de onde chegar e de que hora parar com tais atitudes. Eles não medem as conseqüências de suas agressões.

Para CONSTANTINI, (2004), o agressor é formado quando pequeno, desde os seus primeiros anos de vida, originando-se "na irrupção e falta de controle do sentimento de intolerância".

Ainda de acordo com o autor, essa ausência do tolerar, a falta de regras e de limites, traz conseqüências para toda a vida destas pessoas que, acostumadas a atitudes de falta de respeito e de transgressão, "tendem a consolidar-se, transformando-se em esquemas mentais e ações de intimidação sistemática contra aqueles que são mais fracos". (CONSTANTINI, 2004, p. 68).

As principais características dos agressores, tanto meninas quanto os meninos, são a impulsividade, irritam-se facilmente, possuem um despreparo para enfrentar frustrações, não aceitam ser contrariados, são nervosos, gozadores, durões, aparentam não temer a nada e a ninguém, gostam de "colar" em provas e levar vantagem em diversas situações.

FANTE, (2005), diz que o agressor “sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante ao poder e a ameaça de conseguir aquilo que se propõe”.

Alertemo-nos agora para os fatos possíveis que levam à construção de um agressor. É possível que estes ajam de forma agressiva para chamar a atenção das pessoas em seu redor mostrando de alguma forma que ele, no caso o agressor, existe, está presente e quer ser visto.

Muitas vezes as pessoas utilizam a violência como forma de auto afirmação, isso acontece geralmente quando há uma carência afetiva principalmente quando esta falta se dá por culpa dos pais, que muitas vezes são ausentes nas vidas de seus filhos.

... são manifestações exasperadas, ainda que disfuncional e socialmente inaceitável, de o jovem encontrar uma identidade própria, uma forma de ser reconhecido e de demonstrar que está presente e que vale alguma coisa para os relacionamentos e para sociedade. (CONSTANTINI, 2004, p.55).

O que quero dizer é que devemos olhar para o agressor não como um culpado, violento, merecedor de punições, mas sim com um olhar de observação, um olhar crítico, para que assim possamos enxergar não somente as suas atitudes mas também a razão pelo qual tais acontecem.

É muito comum agressores serem ex-vítimas de bullying. Ou então serem vítimas em um determinado lugar e tornar-se um agressor em outro para descontar toda a carga emocional negativa presente em sua consciência e em seu coração devido a agressão sofrida.

FANTE, (2005), nos diz que “essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, fazendo com que o bullying se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas”.

São duas as classificações quanto à forma de agir no fenômeno, o bullying direto e o bullying indireto. “Os comportamentos bullying podem ocorrer de duas formas: direta e indireta, ambas aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima”. (FANTE, 2005, p.50).

É nesse momento que surge uma diferenciação no agir agressivamente entre as meninas e os meninos.

O bullying praticado diretamente é mais característico ao perfil masculino, não que meninas não pratiquem o bullying direto, mas com certeza é em menor escala comparado aos meninos.

O bullying de forma direta acontece através de agressões físicas. Ele se dá no bater, no chutar, no empurrar, no roubar pertences, e até mesmo num olhar ameaçador. Também apelidos discriminatórios, pejorativos, que visam humilhar e insultar a vítima são formas de agressão direta. É mais característico dos meninos, pois, a utilização do físico é muito mais presente na maioria das situações.

O bullying quando acontece de forma indireta se dá através da difamação de uma pessoa, disseminando rumores na maioria das vezes humilhantes e inventados, sem um fundo verídico na informação. É comum entre meninas. Geralmente acontece quando uma aluna nova entra na escola, a agressora passa então a espalhar para a turma inteira mentiras sobre a garota. Mentiras que farão com que ninguém se aproxime da nova aluna.

Para FANTE, (2005), a agressão indireta “talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis” pois permite a exclusão da vítima do convívio social.

Dentro do fenômeno bullying, notamos que o agressor seja ele menino ou menina, agindo de maneira direta ou indiretamente, senti a carência de habilidades relacionais, de troca, de convívio.

Encontramos com frequência o bullying presente em todas as escolas. Esta instituição, em sua grande maioria (tratando-se de Brasil), ainda não está preparada para combater esse fenômeno.

Este fato, o da pouca intervenção por parte da escola para acabar com essas características agressões, acontece principalmente pela falta de informação, o que agrava muito e até mesmo incentiva a agressão.

Isso porque o agressor continua não possuindo a oportunidade de mudança em suas atitudes e também por agredir sabendo que não será punido.

Um contexto significativo para o agressor seria aquele que

...de um lado, o paralisa e o revela em sua ação transgressiva e, de outro, o induz a aprender as regras básicas da vida em comum (respeito ao outro, controle dos impulsos etc.), da sociabilidade e da solidariedade. (CONSTANTINI, 2004, p.79).

Enquanto espera-se por esta interferência da escola, as agressões vão acontecendo espalhando sofrimento entre os alunos. As vítimas desse fenômeno possuem inúmeras conseqüências pelo fato de serem agredidas.

Essas conseqüências podem ser a perda da vontade de ir para escola, a decadência do rendimento escolar, queda da auto-estima, depressão, chegando a casos extremos de assassinatos e suicídios.

Contudo, mesmo que não muito divulgado, o agressor também possui e sofre com as conseqüências de seus atos. O rendimento escolar nas séries iniciais pode até ser alto, porém ao longo da sua vida escolar este despenca de forma a não mais ser recuperado.

Além disso, o índice com que os agressores do bullying no futuro envolvem-se com drogas lícitas ou ilícitas é muito alto. Também é quase um fato a entrada dos agressores em gangues da cidade ou da escola que ele vive e freqüenta. (FANTE, 2005).

...Segundo estudos realizados pelo professor Olweus, é grande a relação entre bullying e criminalidade, ..., o pesquisador constatou que 60% deles (alunos identificados como agressores no fenômeno bullying) havia sido imputada uma condenação legal antes que completassem 24 anos de idade” (FANTE, 2005, p.81).

De acordo com CONSTANTINI, 2004, “os jovens agressivos, por causa de seu comportamento transgressivo e violento, têm mais probabilidade, como vimos, de assumir comportamentos mais problemáticos como a delinquência e o alcoolismo”.

Os agressores podem adotar condutas anti-sociais como atos de vandalismo, pequenos furtos no início, passando a roubar no futuro.

Para a escola, que antes via seus atos como brincadeiras de garotos, ou como violência, porém, sem fazer nenhum tipo de intervenção, o agressor passa a se tornar um aluno causador de transtornos e alardes. (CONSTANTINI, 2004).

Combater o bullying é, sobretudo, necessário para que a sociedade traga de volta para o convívio, os alunos agressores que, de certa forma, são vítimas de uma má formação e educação tornando-se agressores devido a esta carência de regras e de limites.

Portanto não devemos somente acusar, olhar com indiferença e castigar os agressores. É preciso um combate a estas atitudes. Mostrar a esses indivíduos que o outro têm sentimento, dando-lhes possibilidades de uma relação afetiva com a sociedade.

5. BULLYING E PRECONCEITO: O OUTRO.

Os nossos antepassados, em sua grande maioria, são parte de uma massa preconceituosa.

Isso porque, a construção histórica e social do preconceito se dá desde o fato de que homem (homem e não mulher), branco e cristão era sinônimo de prodígio e um modelo a ser seguido e respeitado como um ser privilegiado, até mesmo ao fato de que negros eram considerados seres próximos aos macacos.

“Macho adulto branco sempre no comando” (CAETANO: O estrangeiro).

O fato é que hoje e já há algum tempo, esses mitos foram sendo quebrados e inclusive a ciência, através do projeto Genoma, foi nos mostrando que homens e mulheres, negros e brancos, amarelos e vermelhos, são (somos) geneticamente muito próximos um dos outros.

... Isso porque as diferenças genéticas que existem entre os seres humanos... não são maiores que as observadas dentro de uma mesma população pertencente à uma mesma raça. Ou seja, pode haver casos em que o genoma de um africano tenha mais semelhanças com o de um amarelo da Sibéria, por exemplo, do que com alguém de sua própria cidade e negro como ele. (GALLO e SOUZA, 2004, p. 24)

É por esses e outros motivos que o preconceito existente nas gerações passadas são mais fáceis de ser aceito do que o preconceito existente na geração dos filhos, netos e bisnetos dessa sociedade ultrapassada.

...desde a antiguidade greco-romana até os dias atuais as sociedades avançaram muito em termos de direitos humanos e de estratégias de resolução dos conflitos intergrupais. De modo que poderíamos pensar que o preconceito está em vias de se resolver. A realidade dos fatos, infelizmente, nega esta expectativa. Não obstante tenhamos assistido, já no século XX, a um importante conjunto de mudanças sociais e políticas ocorridas nas décadas de 40 e de 50, como por exemplo, a crítica ao regime nazi-fascista, a Declaração dos Direitos Humanos (1948), a condenação da UNESCO às classificações raciais (1950), as lutas pelos direitos civis nos EUA e vários movimentos sociais importantes na Europa. Apesar de todos estes importantes acontecimentos, o preconceito e o racismo permanecem um problema grave e atual”.
(LIMA e VALA, 2004, p.1)

Hoje em dia temos a informação em nossas mãos. Mitos foram sendo quebrados. A apartheid foi destruída (embora suas cicatrizes ainda são muito visíveis). A escravidão é em seu discurso condenada. Mas o preconceito ainda prevalece firme e forte.

A forma de expressão do preconceito foi mudada. Não é de bom tom nos tempos em que vivemos atualmente dizer que somos preconceituosos. Tanto é que em uma pesquisa realizada por Turra e Venturi, (1995), revelou-nos que 90% dos brasileiros não se consideram preconceituosos, porém consideram a sociedade brasileira preconceituosa.

Ora, há uma contradição e por isso entendemos que os brasileiros não admitem serem preconceituosos, mas revelam que há preconceito por parte da sociedade em nosso país.

O racismo, assim como o preconceito, vem sofrendo modificações em suas formas de interpretação e de ação. Hoje falamos em racismo simbólico, representando,

...uma forma de resistência a mudanças no *status quo* das relações racializadas pós Declaração dos Direitos Civis. Esta forma de racismo se baseia em sentimentos e crenças de que os negros violam os valores tradicionais americanos do individualismo ou da ética protestante - obediência, ética do trabalho, disciplina e sucesso. (KINDERE e SEARSK, 1981)

Um outro tipo de racismo existente atualmente chama-se Racismo moderno.

A teoria do racismo moderno, por sua vez, surge de uma necessidade empírica: medir as atitudes raciais públicas dos indivíduos, quando as normas sociais inibem as expressões abertas de racismo. O conceito de racismo moderno, assim como o do racismo simbólico, reflete a percepção de que os negros estão recebendo mais do que merecem e violando valores importantes para os brancos. (LIMA e VALA, 2004).

Por isso, quando comecei a pesquisar sobre o bullying na internet, uma surpresa desagradável me ocorreu: percebi o quão presente e ativo está o

preconceito ainda nos dias de hoje, principalmente entre os jovens (contarei essa minha experiência nos próximos capítulos).

... A xenofobia da criança não é inata, mas social: construída com as fronteiras que os adultos lhe edificam, ensinando-lhe que o outro, que não lhe é familiar, deve ser sempre temido. “Não converse com estranhos, menino!” “Não responda a perguntas de quem não conhece”, “fuja caso um estranho se aproxime de você!” (KOLTAI, apud Gallo e Souza, 2004)

Construímos uma visão do outro, como se este nos fosse totalmente estranho, como se o outro não fosse exatamente o nosso espelho, como se este outro também não nos achasse um estranho.

No mais das vezes, por medo da diferença, muitos decretam ódio a ela. E neste contexto o preconceito é disseminado na sociedade. Nasce o racismo, fecham-se as portas e as fronteiras. Abre-se, como pude perceber, as portas para a violência contra aquele que não conhecemos e que muitas vezes nem queremos conhecer, frutos de toda uma educação baseada no preconceito.

... Tijolos que, crianças, vamos recebendo dos nossos adultos e nos fazendo nós próprios adultos, nós próprios tijolos a fortalecer as muralhas dessas fronteiras (another brick in the wall). (GALLO e SOUZA, 2004, p.25).

O problema é que a sociedade cria um certo padrão de pessoa, de cultura, de posição social, de cor, de status e todos que fogem dessa padronização são considerados diferentes, o outro, o outro que a sociedade rejeita. Surgi então a discriminação.

... A discriminação por sua vez é um tipo de tratamento diferencialista, quer dizer, uma produção específica de alteridade, que penaliza aquilo que no Ocidente foi e é nomeado, ainda hoje, com o eufemismo “minorias”. A operação de discriminação consiste, primeiro, na diminuição, na redução do outro – e também a relação do outro com os “seus” outros – e, em segundo lugar de dotar todos esses outros, assim diminuídos, de uma única possibilidade de interpretação dos seus valores e de suas normas. (SKLIAR, apud Gallo e Souza, 2004).

Hoje em dia parece-me que as pessoas tentam, em seu discurso, dizer que não existem diferenças. Mas as diferenças existem. Somos diferentes um

dos outros, somos seres singulares, cada qual pertencente a uma cultura, a uma sociedade, a uma forma de pensar, de ser e de agir.

Entender isso com naturalidade seria talvez um caminho que distanciasse pessoas do preconceito. Para BAUDRILLARD e GUILLAUME, 1994, se existisse alteridade e estranhamento não haveria o racismo, mas se perdida essa relação natural com o outro, pode-se dizer então que se instaura uma relação espectral e de puro artifício.

... Não há nada na nossa cultura que nos permita pensar e fazer com que o racismo desapareça, já que todo o movimento, todas as ações da nossa cultura estão dirigidas a uma violenta construção diferencial do outro; este processo leva à produção de uma cultura racista ou, em outras palavras, à produção de: uma cultura autista com aparência de falso altruísmo. (BAUDRILLARD e GUILLAUME, apud Gallo e Souza, 2004).

Quando penso no bullying e nas formas e situações que ele se dá e se faz, não poderia deixar de relacionar tais atitudes com o preconceito, com o racismo, com a segregação.

Os mais diversos casos de situações de bullying que pude estudar mostraram-me que os agressores cometeram suas violências sem a vítima ter feito nada, sem um motivo evidente.

O que comprova que a rejeição do outro, pelo fato simples de ser o outro, diferente do que "sou", leva a pensarmos que a sociedade está sendo preparada e está criando pessoas para acharem que o que "sou" é o certo, como se esta pudesse dizer que existe pessoa certa e pessoa errada.

Então, mas do que comum seria a origem de conflitos entre pessoas que olham o outro como se o outro não fosse ele próprio. Com uma visão repleta de preconceito porque enxergam o diferente com um olhar de possuidor da normalidade.

O bullying é um fenômeno embasado no preconceito, no preconceito de uma sociedade que não sabe conviver com as diferenças. E é neste cenário que nasce e que atua o agressor.

É no desrespeito ao outro, é no olhar e no agir agressivamente, é no rotular e humilhar as pessoas que o bullying e o preconceito se encontram e passam a caminhar juntos por uma longa estrada de sofrimento e marcas.

6. A RELAÇÃO BULLYING E OS FENÔMENOS SOCIAIS

As formações sociais, culturais e psicológicas de uma pessoa não são influenciadas apenas por quem a educa.

Os pais, os avós, os educadores, os professores, enfim, os adultos em geral não são os únicos responsáveis por transmitirem aos jovens, valores, princípios, modelos de vida e modelos educativos. A cultura e a sociedade contribuem e muito para a formação destas pessoas.

É neste contexto que nasce um grande conflito: de um lado, adultos em uma busca constante de tentativas para educar e proteger os jovens, através de seus princípios, sendo que estes nem sempre combinam com os novos princípios da humanidade; e do outro lado, a sociedade na busca pela conquista destes mesmos jovens levando-os por inteiros, corpo e mente, a uma sociedade capitalista e consumista.

... Entre as tarefas que competem a uma sociedade, inclui-se aquela de transmitir às novas gerações valores e modelos educativos, mesmo reconhecendo que, numa época de mudanças como esta que estamos vivendo, tais referências possam ser em partes superadas e inadequadas, por não estarem mais ligadas à realidade contemporânea, em contínua evolução. (CONSTANTINI, 2004, p.29).

Nesta parte do trabalho de conclusão de curso estarei brevemente, sem uma investigação profunda, relacionando algumas condições sociais e culturais que poderiam levar à construção e/ou à afirmação psicológica de um agressor envolvido no fenômeno bullying.

6.1 A escola: território adequado para o Bullying.

É principalmente na escola que o fenômeno bullying acontece.

... A conscientização e a aceitação de que o bullying é um fenômeno que ocorre, com maior ou menor incidência, em todas as escolas de todo o mundo, independentemente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos, e que deve ser

encarado como fonte geradora de inúmeras outras formas de violências são fatores decisivos para iniciativas bem-sucedidas no combate à violência entre escolares. (FANTE, 2005, p.91).

Porém, aqui no Brasil muitas escolas ainda não conhecem o que é o bullying e tratam tais atitudes agressivas como “brincadeiras normais” entre jovens e crianças daquela determinada idade.

Este fato, o desconhecimento sobre o assunto, acontece por muitos motivos, os quais discutirei brevemente aqui neste texto.

Uma das características marcantes do bullying é o fato de sua manifestação possuir um caráter sigiloso, escondido, secreto. É por isso que na escola ele acontece longe dos adultos.

Os espaços escolares mais propícios para o fenômeno bullying seria o pátio durante o recreio, os banheiros femininos e masculinos, os vestiários, as quadras poli-esportivas, os refeitórios e as salas de aulas durante a troca de professores ou quando este está escrevendo na lousa (geralmente ficando de costas para os seus alunos).

Segundo a ABRAPIA -Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, após uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro em 2002, revelou que mais ou menos 40% dos alunos, dentre as dez escolas estudadas, faziam parte de alguma forma (sendo agressor, ou vítima, ou vítima agressora) do fenômeno bullying.

E não é apenas nestas escolas pesquisadas que o bullying existe e se manifesta, mas em todas, o bullying está presente em 100% das escolas.

Por isso que os profissionais da educação, enfim toda a comunidade escolar, professores, diretores, coordenadores, funcionários e outros devem estar cientes e saber que o bullying existe.

Em minha pesquisa, como se verá adiante, pude observar que a maioria das vítimas não conta que sofre agressões aos seus professores por acreditar que eles, os professores, primeiramente não darão crédito às acusações ouvidas e em segundo por achar que a situação ficará pior caso os agressores venham a descobrir que foram “entregues”, “dedurados” para os professores.

Ainda segundo a ABRAPIA, 50% das vítimas admitem não contar para os professores, e nem para os pais, sobre as agressões sofridas. Isso demonstra que o bullying vai além da agressão física, mesmo quando essa forma de agressão existe, segue junto a ela a agressão psicológica que é marcante e deixa conseqüências e traumas que podem nunca ser resolvido.

É muito importante uma conscientização dos professores e dos educadores em geral para com o bullying. Saber que nem todas as brincadeiras são realmente lúdicas é necessário para uma possível intervenção deste profissional dar forma a acrescentar positivamente melhorias nas situações encontradas.

Isso porque o que acontece muitas vezes e pode ser visível é o despreparo dos educadores e professores para lidarem com situações de agressão,

...registra-se a difusão, entre os adolescentes, de comportamentos ligados à agressividade e uma crescente dificuldade de intervenção por parte dos educadores, que não sabem como responder a isso, a não ser usando métodos ineficazes.
(CONSTANTINI, 2004, p.20).

O bullying na escola acontece sempre e pode ter duração de uma vida escolar inteira para a vítima. Por falta de uma conscientização na escola e pelo fato das agressões (bullying) acontecerem sem que ninguém faça algum tipo de intervenção, permite que este fenômeno cresça, multiplicando-se as marcas e os traumas por ele causados.

Não é de se espantar que muitas vítimas comecem a ter rendimentos escolares baixos, que queiram mudar de escola ou deixar de freqüentá-la, que arrumem desculpas para faltar às aulas, que se sintam tristes, angustiadas e até mesmo com depressão. CONSTANTINI, 2005, nos revela que na adolescência a depressão masculina pode ser até duas vezes maior que a feminina.

Também podemos até entender o porque muitas vítimas, depois de uma vida inteira escolar de humilhações, chegam ao extremo de matar seus colegas e de cometerem suicídios.

A escola deve ser um lugar onde as crianças e os jovens possam conviver em harmonia respeitando o que se tem de diferente e o que se tem de igualdade entre nós seres humanos.

Mas não podemos ser inocentes o suficiente para achar que a escola não é um lugar para conflitos. Os conflitos existem e podem ser positivos quando educadores intervirem de forma também positiva.

... O temor ou a indiferença do adulto em relação a situações que provocam conflito, aos comportamentos transgressivos, em particular a respeito das regras às quais se devem respeitar, levam a renúncia do papel fundamental de educador que é confrontar filhos - alunos - com as proibições, os limites, as regras, dar-lhes condições de aprender a tolerar as frustrações, de renunciar às próprias posições, de postergar um desejo, uma vontade para um futuro indefinível. (CONSTANTINI, 2004, p.39).

Acredito que se a escola não se interessar por compreender o fenômeno bullying, que se os professores, os educadores, enfim, os profissionais ligados a educação não buscarem conhecer e saber como agir com essas situações de agressão caracterizadas como bullying, que se os alunos continuarem não confiando em seus professores a ponto de esconderem que são agredidos, a escola continuará sendo um território fértil para a disseminação do bullying.

6.2 Cyberbullying – a agressão na Internet.

Modernidade, é essa a palavra que define em poucas linhas a sociedade em que vivemos atualmente.

Esta sociedade capitalista e, segundo muitos, moderna, têm nos trazidos grandes avanços tecnológicos, conhecimentos jamais imaginados anteriormente, avanços científicos extraordinários, dentre outros.

Antigamente quando se pensava em progresso logo vinha em mente o futuro. Futuro e progresso estavam interligados e incutidos em uma sociedade que desejavam anos melhores do que os vividos.

A fé no progresso do homem e do mundo é uma das características fundamentais da sociedade moderna e das visões de mundo que dela emanam. Está difundida em todas as suas esferas e é justificadora de grande parte de sua estrutura. Praticamente todas as realizações identificadas com a visão de mundo predominante desta época tinham e têm como componente básico a fé no progresso, ou o progresso como pressuposto. (SANT ANA JR, 1993).

E era assim que o futuro era desejado, como uma promessa de melhoria de vida, visto com um “ar” de esperança.

Este processo se dava por causa do avanço da ciência e da tecnologia. Seriam elas as responsáveis por resolverem problemas políticos, econômicos e até mesmo os sociais.

Era então a transformação dos problemas sociais e políticos em problemas técnicos, resolvidos de forma científica. Era através do progresso da ciência que acreditavam vir o progresso da sociedade.

Estados foram erigidos e governos constituídos tendo como lema o progresso. Inúmeras políticas e programas governamentais têm sido elaborados como o suposto objetivo de levar a sociedade a progredir. Partidos políticos no mundo todo, dos mais diferentes matizes, se apresentam como defensores do progresso humano. Movimentos sociais, desde os que visem defender o “status quo”, até aqueles que busquem transformá-lo, também se amparam nesta noção, encontrando nela um bom justificador. A noção de progresso impõe sua presença, até mesmo, nas atividades mais cotidianas. É bastante comum que escutemos a palavra progresso na rua, em casa, nas escolas, em pronunciamentos políticos, nas igrejas, nos noticiários de rádio ou TV. (SANT ANA JR, 1993).

Hoje, ano de 2006, esse futuro tão esperado pelos progressistas chegou, a tecnologia está presente nos nossos dias. Porém, os problemas políticos, econômicos e sociais continuam fazendo parte do nosso cotidiano.

Além disso, a tecnologia trouxe muitos benefícios, porém trouxe também muitos problemas à sociedade.

Neste texto irei expor alguns problemas que a sociedade passou a ter com o avanço da Internet. Deixo claro que não estou dizendo ser contra algum tipo de tecnologia, apenas trarei a este texto fatos verídicos que vêm acontecendo e marcando (traumatizando) pessoas para sempre através da Internet.

O mundo inteiro está vivendo atualmente um fenômeno denominado globalização. Esta nova ordem visa educar e influenciar a cultura, a política, a educação, a economia, a sociedade em geral de forma que todas recebam estas ações numa perspectiva ocidental, à *América do Norte*.

Um dos efeitos da intervenção da nova ordem, a globalização, foi a rápida expansão dos computadores e mais, a rápida expansão dos usuários da rede de comunicação Internet.

... Os programas que dizem respeito à educação, à escola, à universidade são adequados à nova ordem, às novas necessidades econômicas, à importância dada à comunicação, à informática e às relações internacionais. (CONSTANTINI, 2004, p.34).

A Internet tem inúmeras funções. Nela podemos pesquisar, comunicarmos de forma mais rápida do que utilizando cartas, através de *e-mails*, ou até mesmo conversarmos como se estivéssemos ao telefone, de forma *on line*, e ainda vendo o interlocutor na tela do computador através de um aparelho hoje em dia comum chamado *Webcam*.

Com o uso da Internet podemos comprar, vender, estudar, descobrir, pesquisar, conhecer pessoas, rever velhos amigos, trabalhar, enfim, a Internet “por meio do desenvolvimento acelerado dos processos da informática põe em contato todos os que quiserem conhecer-se, conversar, entender-se, comunicar-se, fazer propaganda ou vender qualquer coisa”. (CONSTANTINI, 2004, p.35).

Tudo o que foi citado acima poderia ser uma maravilha, um patrimônio incrível para a sociedade, caso este meio de comunicação, instrumento da globalização, não ficasse a disposição, de forma livre e sem ética, das boas e também das más intenções.

É nesta brecha, a das más intenções, que nasce o Cyberbullying.

...Atualmente, a facilidade com que jovens se comunicam pela rede mundial de computadores tem provocado um novo fenômeno: o cyberbullying. Através de salas de bate-papo virtual, *e-mails* e páginas na Internet, textos, imagens e até vídeos das vítimas são expostos. As comunidades do tipo “Orkut”, por exemplo, têm servido de ferramentas para tais atos, onde novas comunidades são criadas com o objetivo de agredir, difamar, ofender e humilhar suas vítimas”. (TEIXEIRA, 2006, p.11).

O discurso da sociedade hoje em dia pode ser resumido aqui em pequenos jargões. É comum ouvirmos as frases “paz entre os povos”, “diga não ao preconceito”, “inclusão” (referindo-se a inclusão das crianças portadoras de necessidades especiais à escola), “todo mundo é igual” (o que não é verdade somos diferentes, somos seres singulares e temos como igualdade os mesmos direitos), enfim, observando por este aspecto poderíamos até concluir, se não a conhecêssemos, que a nossa sociedade vive em perfeita harmonia.

Porém, por trás deste discurso de paz, amor e solidariedade que cresce a cada dia, pude observar em meu estudo que cresce também, de forma velada, a prática ao preconceito. E a Internet está contribuindo e muito para a disseminação desta prática.

Por não existir com eficiência uma política de ética capaz de fiscalizar, punir e estipular regras básicas para a publicação de materiais na Internet, todo usuário pode hoje postar qualquer tipo de conteúdo na rede.

Janela aberta para o mundo, a rede mundial de computadores também apresenta distorções e a ausência de regulamentação cria um ambiente propício à violação de direitos, crescimento de movimentos xenófobos, pedofilia, quadrilhas de estelionatários e grupos terroristas. Não há mais como negar, a Internet faz parte do mundo moderno e representa inserção no capitalismo mundial globalizado. Mais do que isto, é o seu maior ícone. (ALMEIDA, 2006).

O cyberbullying então acontece quando, pela Internet, pessoas passam a publicar fotos, apelidos, gozações, difamações, e outros tipos de chacotas referentes a uma pessoa da qual queiram fazer tais agressões a ponto de humilhar a vítima.

Mas não para por aí, pois o agressor, via cyberbullying, tem o poder de espalhar de forma rápida tais agressões, publicando-as na Internet, meio de comunicação pelo qual as informações são repassadas de forma mais fácil e ligeira e que hoje em dia tornou-se o meio pelo qual a maioria das pessoas se comunicam.

Citarei como exemplo um fato acontecido aqui no Brasil. Um menino jovem, morador de uma cidade pequena, teve sua imagem postada (publicada) em uma comunidade do "Orkut" (*site* de relacionamento mais acessado e utilizado do mundo, no qual o maior número de usuários é o público brasileiro).

Até o momento parece estar tudo certo, pois muitas pessoas publicam suas fotos na Internet. Porém quem publicou a foto deste rapaz, montou uma comunidade (nome dado ao local onde as pessoas podem acessar informações e publicar mensagens sobre o tema da determinada comunidade) com o nome do menino da foto e mais algumas palavras que sugeriam que este garoto fosse homossexual.

É essa sensação de liberdade que faz com que indivíduos racistas ou preconceituosos despejem todos os seus conceitos maléficos no Orkut, afinal, lá a polícia não aparece, as vítimas não poderão encontrá-los, é possível encontrar gente de opinião igual e ninguém vai para a cadeia. Essa mesma certeza de impunidade atinge as vítimas ou outras pessoas cuja dignidade não aceitam expressões racistas ou preconceituosas. Elas não denunciam porque acreditam que as autoridades nada farão ou que poderão sofrer retaliações se suas identidades ficarem expostas após o ato da denúncia. (ALECRIM, 2006, www.infowester.com).

Em uma cidade pequena, às vezes as informações correm rapidamente, sendo verdadeiras ou não. O fato foi que este menino passou a ser motivo de gozações nos locais que freqüentou a vida inteira.

Seus amigos, principalmente os meninos, já não queriam mais andar com o rapaz. Sua vida em pouco tempo passou a ser torturante.

O final foi trágico, o rapaz não agüentou a pressão e depois de ter a vida invadida e exposta para a cidade inteira, matou o criador da comunidade.

Esse é apenas um caso dos muitos acontecidos pelo mundo a fora. Mas não é somente esse tipo de comunidade que existe publicada na Internet. As comunidades são várias e fazem apologia ao racismo, ao preconceito, ao crime, as armas, a pedofilia, e muitas outras com este teor negativo.

A questão é: deveria existir uma conduta ética a ser seguida na Internet quanto à publicação de determinados conteúdos; além disso, os pais deveriam estar mais presentes na vida destes jovens e buscar saber o que seus filhos fazem durante tantas horas na rede.

O cyberbullying machuca muito suas vítimas por expor suas vidas não somente a um determinado grupo, por exemplo, o escolar, mas para quem quiser acessar o conteúdo publicado, como seus pais, amigos, família, enfim, o mundo inteiro.

6.3 A influência da mídia na formação do preconceito.

A mídia envolve muitos meios de comunicação. São eles as revistas, os jornais, o rádio e suas músicas, canais de T.V. a cabo específicos para jovens, a Internet, a televisão, dentre outros.

A mídia opera uma construção/desconstrução/reconstrução cultural que, gradativamente, substitui identidade e ideologias por estereótipos e padrões impostos, quase sempre regidos pela lógica do mercado econômico e pelas manipulações políticas, daí a necessidade de intervenção e mediação pedagógica, uma educação para a mídia. (HACK, 2005, p.79).

Como já foi falado, hoje em dia a Internet (Internet e não computador) está presente na vida dos adolescentes de forma a abranger um universo imenso, quase total, destes jovens.

Por serem muitos os veículos de comunicação, venho falar neste texto apenas de um deles, a televisão. Isso porque a maioria das crianças e dos adolescentes passam horas em frente à tela, vendo e absorvendo tudo o que é dito, "ditado" e falado.

De acordo com CONSTANTINI, (2004), o uso freqüente e diário da televisão influencia fortemente a vida dos jovens. Ele nos fala também de inúmeras pesquisas que apontam uma faixa de cinquenta por cento das crianças com idades entre seis e treze anos que facilmente são influenciadas pela publicidade na aquisição de produtos através da televisão.

A questão que mais preocupa não está apenas no fato das crianças passarem horas, às vezes mais de seis horas seguidas, vendo televisão. O que elas estão vendo e fazendo é o que nos deve preocupar também.

Como já é sabido, muitos pais não possuem o controle sobre seus filhos, por muitos motivos, estes pais cada dia mais se distanciam da vida das crianças e dos adolescentes.

No entanto a televisão diariamente faz parte da vida destes jovens e por isso transmite o quer a essas pessoas. Ditam valores, regras, modas, estilos de

vida, modelos educativos, ditam o que lhe convém para manter-se viva em um mundo capitalista.

... se acrescentarmos estas características as conseqüências de uma sociedade pobre e excludente, identificaremos que apenas uma maioria vive situações culturais, de lazer e de entretenimento fora da "telinha mágica" que mantém as pessoas "anestesiadas" para que a Indústria Cultural subsista com seu propósito. (HACK, 2005, p.78)

A criança e o adolescente muitas vezes por não possuírem um outro referencial, encontra na televisão uma forma de modelo educativo.

Por esse motivo é que volto a dizer sobre a importância do papel do adulto educador, seja ele pais (de preferência), avós, tios ou irmãos mais velhos.

È ele, o adulto educador, que mostrará às crianças o que deve e o que não deve ser visto como real. É o adulto educador que, sem exagerar em sua permissividade, deve ensinar a criança critérios que as possam levar a uma seleção de conteúdo a ser visto.

Porém o que acontece hoje em dia é que,

...desde pequenas, as crianças se acostumam a fazer o que querem, a escolher sozinhas o que ver na TV e o que fazer na frente do computador, a pedir o último produto ou brinquedos vistos nas propagandas, a impor-se perante seus sobrecarregados e tíbios pais. (CONSTANTINI, 2004, p.38).

O preconceito é inculcado nas crianças pelos modelos educativos, morais de vida e de sociedade que recebem. O que temos visto na televisão é que esta fortemente contribui para que o preconceito seja difundido entre os povos, já que é comprovadamente um dos modelos educativos mais presentes na vida dos jovens e dos adolescentes.

Inúmeras vezes ouvi na televisão frases como estas: "Só é gordinho (gordo) quem quer!". Isso faz com que a criança cresça ouvindo certos tipos de falas que, intencionalmente transmitem valores e modelos a esses jovens.

No entanto, a mesma televisão que nos diz que ser gordinho é ruim, transmite a seus telespectadores anúncios de bolachas recheadas, salgadinhos de pacotes, refrigerantes, lanches de rede de *fast food*.

Este simples exemplo citado acima nos leva a crer que a televisão, como parte da mídia, não se preocupa muito com o conteúdo a ser passado e sim com os produtos a serem vendidos.

A ditadura da magreza, presente fortemente nos nossos dias, leva muitas garotas a pararem de comer, pois a televisão indiretamente e às vezes até diretamente transmitem a idéia de que os jovens e, principalmente, as mulheres devem ser magros.

Esse padrão de beleza é colocado na mente das crianças desde pequenininhas, que passam a preocupar-se com a imagem e o corpo, consumindo produtos de beleza mesmo com pouca idade.

Por trás disso o preconceito contra gordos e gordinhos cresce freneticamente, e as crianças condenam estas pessoas de forma preconceituosa.

É desta forma que o preconceito insere-se na sociedade, criando raízes resistentes e duradouras, levando muitas pessoas a enxergar o outro pelo o que ele tem, como ele é por fora, enfim de forma superficial, assim como a televisão é.

7. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO.

Neste presente capítulo encontra-se a análise dos questionários respondidos por vinte e cinco alunos da quinta série de uma escola estadual localizada no município de Campinas, interior de São Paulo.

A partir da análise dos questionários, separei as respostas em duas categorias.

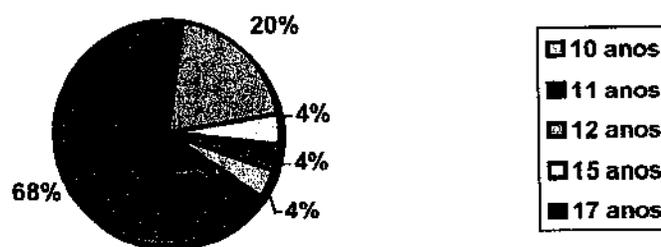
A primeira categoria eu nomeei como "Sentimento" e refere-se aos sentimentos que permeiam as crianças de acordo com as situações apresentadas.

Já a segunda categoria diz respeito às ações que as crianças identificam nas imagens e/ou na sua vida escolar, representada aqui por cenas ou através de perguntas por mim elaboradas, cuja categoria nomeei de "Ação".

Antes da apresentação dos resultados referente às perguntas, registro aqui alguns dados importantes coletados por meio do questionário.

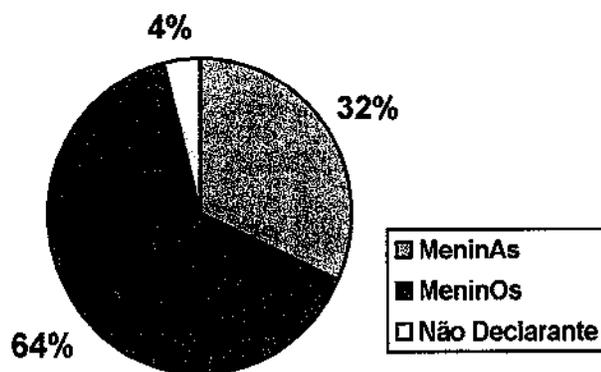
Idade:

As idades dos estudantes variam entre dez e dezessete anos, tendo, a maioria deles, onze anos de idade como mostra o gráfico a seguir:

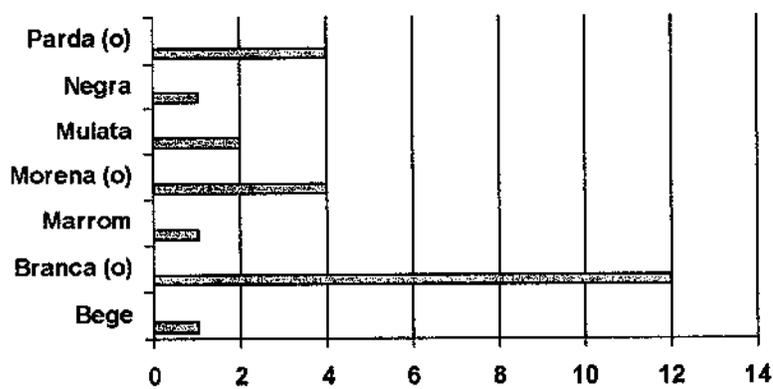


Sexo:

Como veremos no gráfico abaixo, a maioria dos vinte e cinco alunos que responderam o questionário é formada por meninos:

**Cor:**

Muitas foram às nomeações dadas pelos alunos no item a ser respondido sobre a sua cor. Neste gráfico estão presentes todas as cores declaradas no questionário:



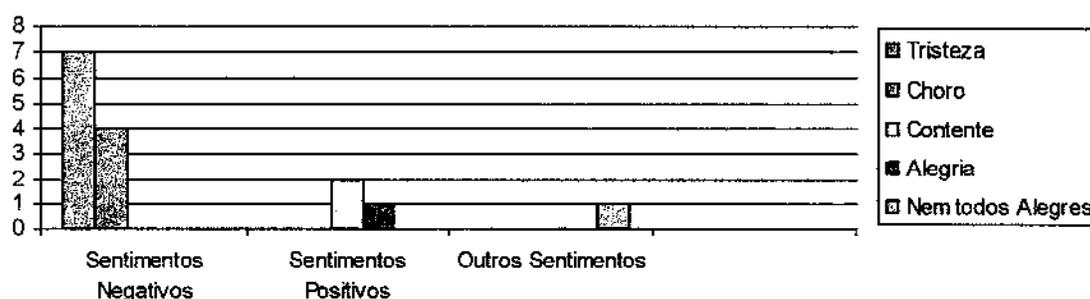
Como podemos notar a maior parte, totalizando doze alunos, declarou-se branco; quatro alunos disseram que sua cor é parda (o), a mesma quantidade de alunos que declarou serem morenos; três pessoas disseram

serem mulatas; um aluno nomeou-se como bege, um como marrom e uma declarou-se como negra.

Questão número um:

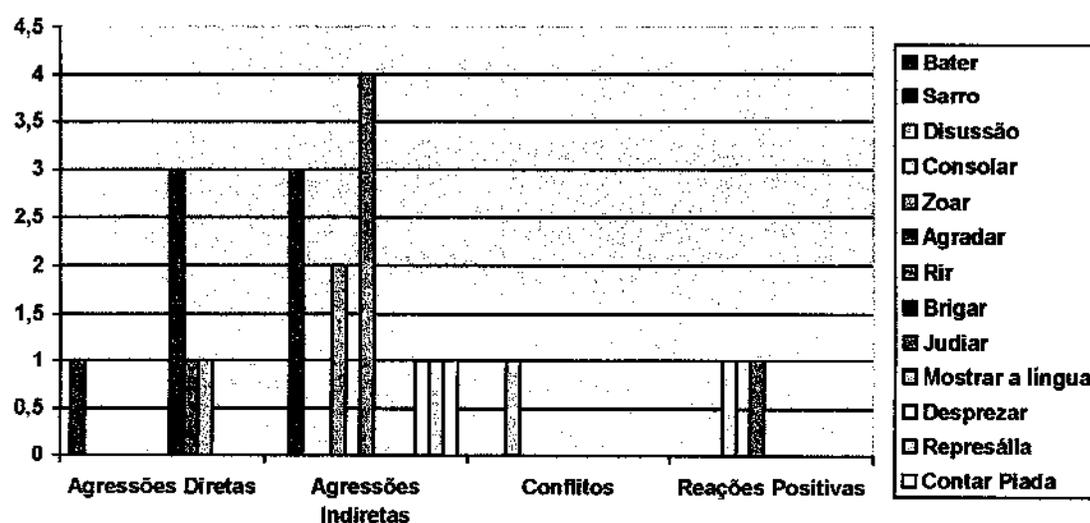
Em uma imagem cuja cena representa um garoto chorando por causa de outras três crianças que estavam, aparentemente, fazendo-lhe gozações e chacotas, (anexo 1), perguntei: "o que você acha que está ocorrendo nesta imagem?".

Os sentimentos que apareceram puderam ser divididos em sub grupos, como mostra a tabela abaixo: (Os números que aparecem no gráfico são referentes à quantidade de crianças que fizeram tais afirmações).



Quanto às ações encontradas nas respostas, podemos classificá-las

em:



Segundo um estudo denominado “*Training and Mobility of Research (TMR) Network Project : Nature and Prevention of Bullying*”, mantido pela Comissão Européia, os meninos tendem a ser agredidos principalmente por meninos, enquanto que as meninas por ambos os sexos. Os meninos também admitem agredir mais do que as meninas. Porém as agressões indiretas do tipo desprezar, inventar piadas sobre sua vítima e isolar, são mais características de meninas. (www.bullying.com.br, acessado 14/12/06).

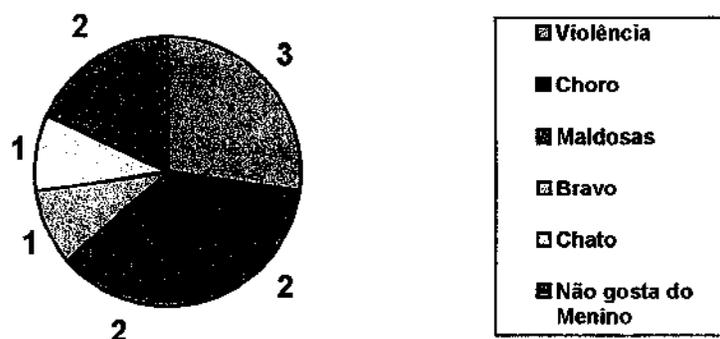
Questão número dois:

Na segunda pergunta do questionário, ainda referente a imagem que gerou a questão número um, indaguei sobre qual o motivo que, para eles (crianças entrevistadas), explicaria o fato registrado na cena.

As respostas também foram separadas entre as categorias “Sentimento” e “Ação” e podem ser verificadas a seguir.

Destaco que na categoria “Sentimento”, houve a necessidade de se efetuar uma sub divisão de categorias, pois, as respostas dos alunos ora referia-se ao sentimento do agressor, ora referia-se ao sentimento do agredido.

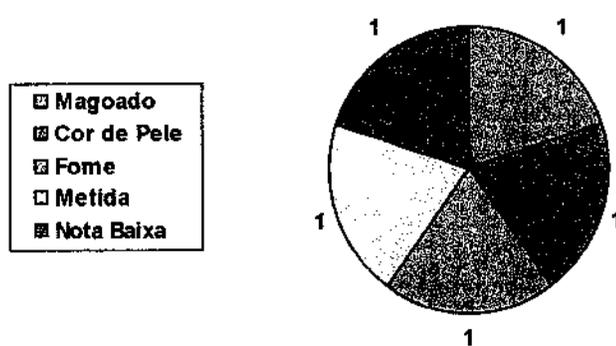
Este gráfico representa as respostas dadas pelos alunos que identificaram, ao observar a imagem, o sentimento referente à pessoa que agrediu:



(Lembrando que os números que aparecem nos gráficos são referentes à quantidade de crianças que fizeram tais afirmações).

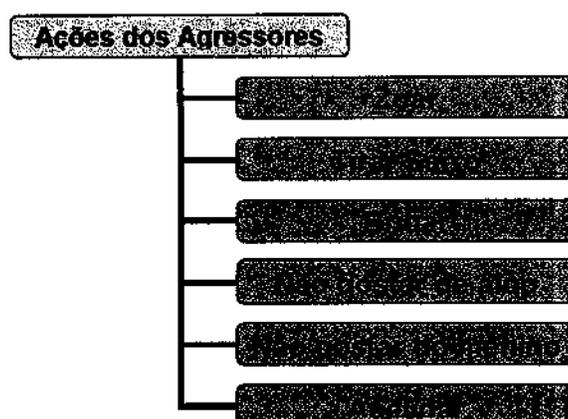
Não encontrei nenhuma outra pesquisa que especificasse o sentimento das pessoas com relação ao agressor, por isso, fico impedida de efetuar qualquer tipo de relação.

O gráfico abaixo se refere ao sentimento do agredido e também aos motivos que poderiam levar a criança da imagem a esta situação:

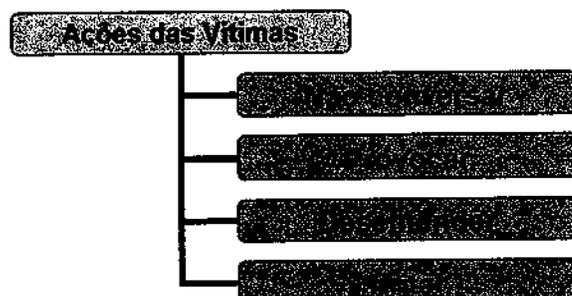


Ao levantar os dados sobre a "Ação" que envolve o aluno agredido e os alunos agressores, obtive os seguintes resultados:

Os verbos, apresentados pelas crianças ao responderem os questionários, que permeiam as ações dos agressores foram:



Algumas crianças atribuíram ações das vítimas como a causa para as agressões vistas na figura (anexo 1). São elas:

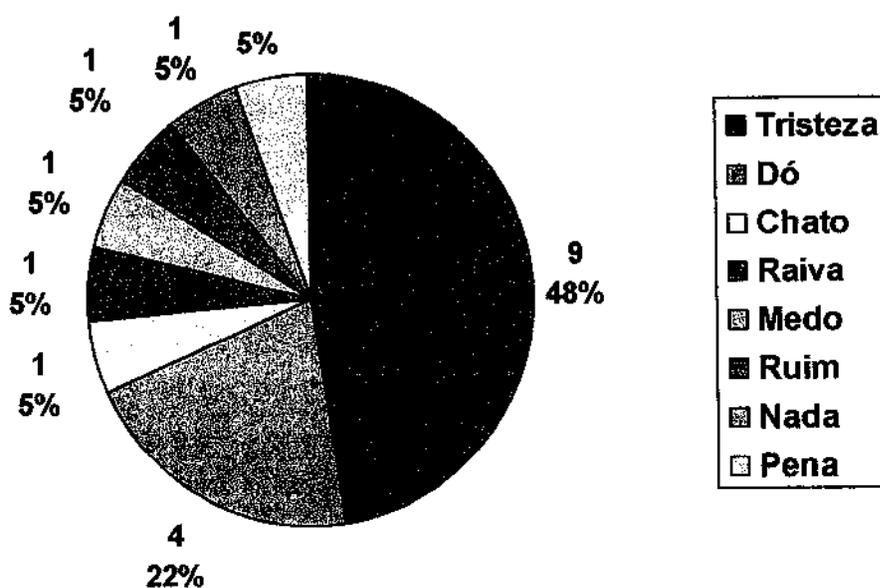


Houve ainda mais uma possibilidade de interpretação da cena por parte de um aluno que atribuiu o verbo **viajar** como, um possível motivo, para o acontecimento visto na imagem.

Questão número três:

Nessa questão, a pergunta se refere ao sentimento da criança que responde ao questionário.

As palavras mais escritas por essas crianças, com relação às cenas vistas até o momento da pergunta número três, foram tristeza e dó, como mostra o gráfico abaixo:



Além dos sentimentos acima representados, alguns alunos interpretaram a cena e registraram outras formas de encarar a imagem.

Uma criança escreveu que o aluno que estava recebendo uma “bolada de papel” na cabeça (anexo 1) era um aluno novo, um outro disse que era uma “pessoa desanimada”.

Também não encontrei nenhuma outra pesquisa que especificasse o sentimento das pessoas com relação as agressões, por isso, fico impedida de efetuar qualquer tipo de relação.

A classe presente na imagem da questão número três (anexo 1) foi caracterizada por um aluno com o adjetivo “algazarra”. Já um outro colega a descreveu como uma “confusão”.

Houve mais duas formas de interpretação com relação ao “Sentimento” nesta terceira pergunta. Uma criança, ao referir-se a cena em que o menino leva uma “bolada de papel” na cabeça, escreve: “Não gostaria que fosse comigo” e uma outra disse que quem jogou a bolinha de papel era uma pessoa “mal educada”.

As ações envolvidas na cena de acordo com as crianças que responderam o questionário foram:

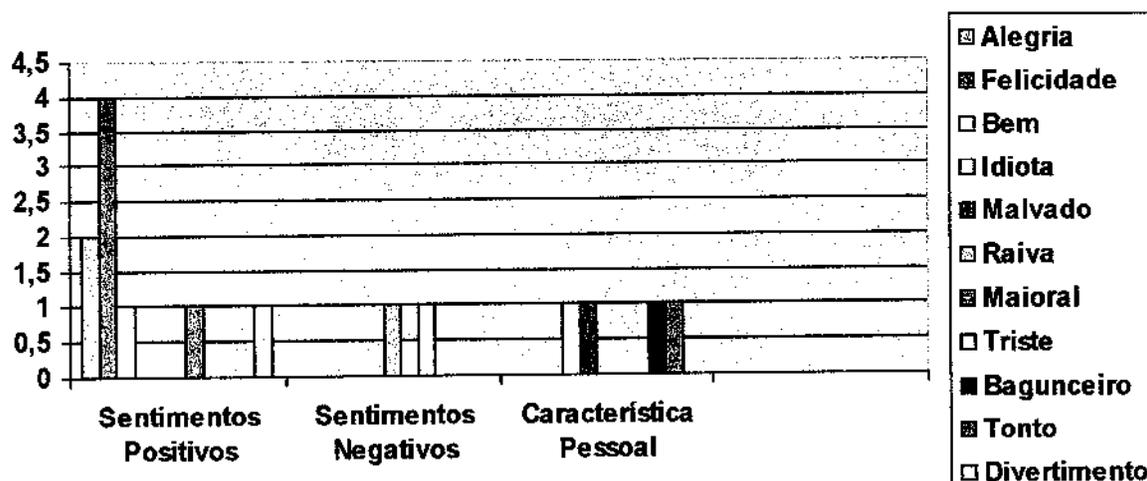
- Ações referentes ao agressor: rejeitar, jogar papel, julgar, bagunçar, agredir.
- Ação referente ao agressor: estudar.

Questão número quatro:

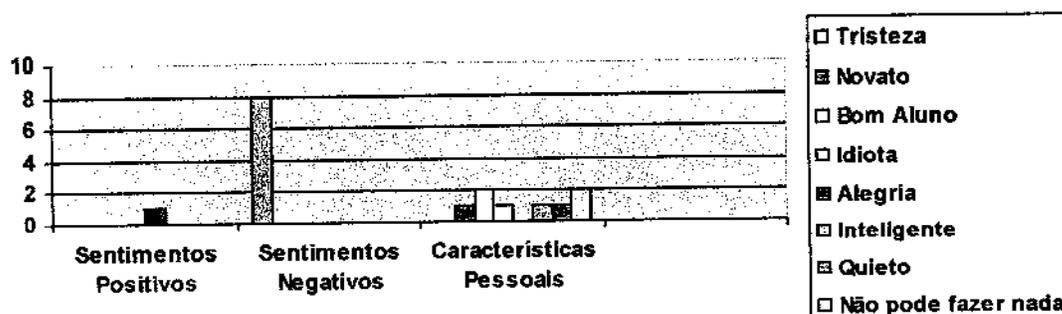
A quarta pergunta pede inicialmente para observar mais uma vez a figura da questão número três (anexo 1). Em seguida pede para responder três perguntas que envolvem sentimento.

Os gráficos abaixo demonstrarão as respostas dadas pelos alunos entrevistados:

- Quanto ao sentimento de quem joga o papel:



- Quanto ao sentimento de quem leva as "boladas na cabeça":



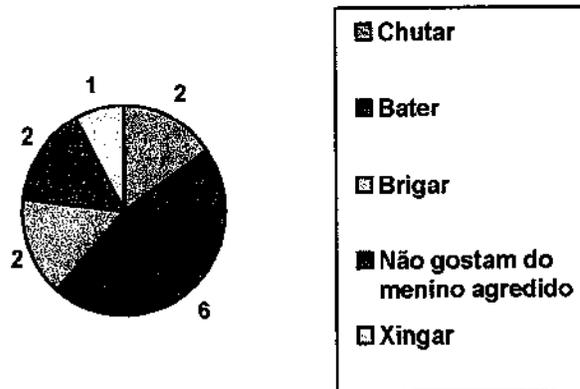
Com relação as características pessoas um dado interessante pode ser revelado, houve um apontamento para o fato de que "não se pode fazer nada" quando se é agredido. A "Training and Mobility of Research (TMR) Network Project : Nature and Prevention of Bullying", mantido pela Comissão Europeia, detectou que entre os alunos que se dizem agredidos, que 50% admitem não informar o ocorrido nem aos professores e nem a seus responsáveis.

O que nos leva a hipótese de que agem dessa forma por medo de represália do agressor, ou por acreditarem que o professor ou um adulto não resolveria a situação até mesmo por não acreditar que ela ocorra.

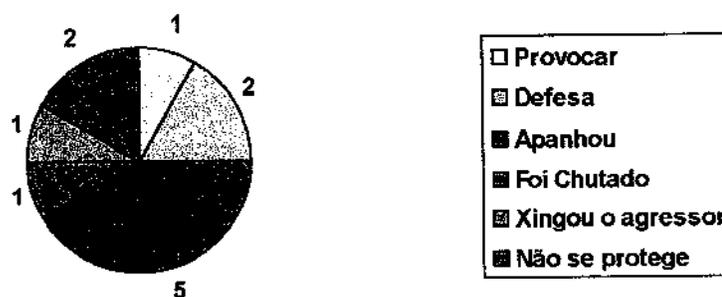
As ações encontradas nas respostas das crianças também podem ser separadas com relação ao agressor e ao agredido.

Segue os gráficos que confirmam a afirmação acima e demonstra quais seriam estas ações.

- “Ação” Agressor:



- “Ação” Agredido:



Além dessas ações, encontrei outras três respostas que demonstram uma tentativa de interpretação da cena proposta na figura presente na questão número cinco.

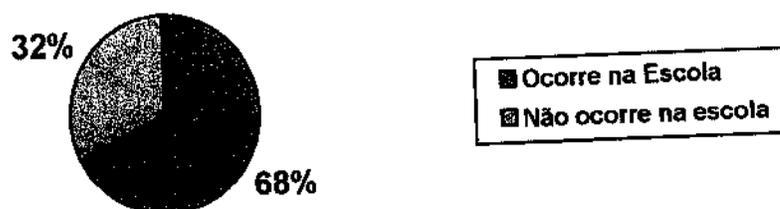
Um aluno identificou na imagem referida um “jogo de futebol”, ao invés das agressões. Outro aluno argumentou que o aluno apanhou porque xingou o próprio time que perdeu. E um outro diz que o time de quem está batendo foi o que perdeu.

Questão de número 6:

Essa é uma questão muito importante, pois se refere ao bullying presente e ativo nas escolas.

As questões aqui elaboradas e vistas até o momento são parte de um conjunto de agressões que caracterizam o bullying.

Ao perguntar se as agressões, manifestadas desta forma, como as vistas nas figuras e fotografias do questionário, ocorrem na escola em que as crianças foram entrevistadas, obtive o seguinte dado.



Como vimos, 32% dos alunos na escola alegam não acontecer esse tipo de agressão, já 68% diz que as agressões que caracterizam o bullying acontecem nas escolas em que eles freqüentam.

Outros estudos como o de Olweus (1989) e de Roland (1989) indicam que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido em caso de BULLYING quando elaboram esta pesquisa em 1993. (www.abrapia.com.br, acessado dia 20/11/06).

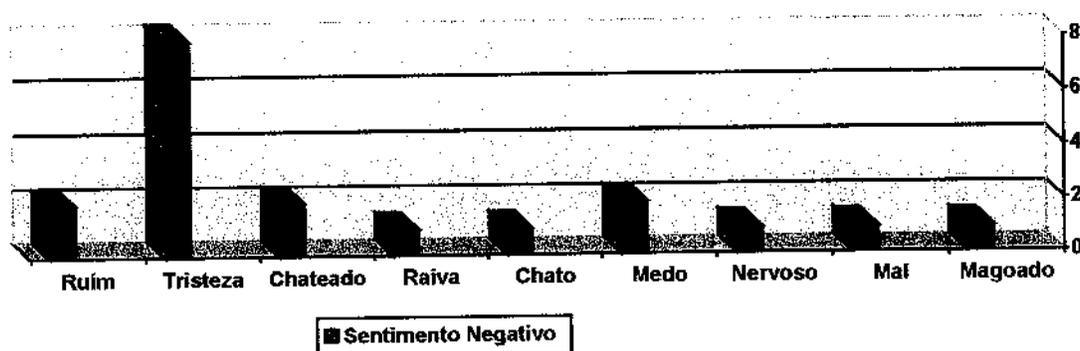
Os sentimentos que envolvem essas ações agressivas na escola em que os alunos estudam foi marcado por, segundo as respostas deles, motivos que levariam a tais atitudes, e estes foram denominados como:

- Intenção de ser melhor que o outro;

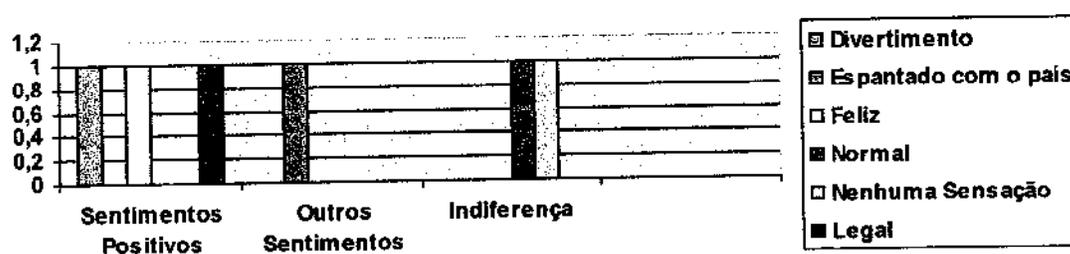
Questão número sete:

A sétima e última questão pergunta como os alunos se sentem ao presenciar as agressões citadas por eles e demonstradas no gráfico anterior.

O sentimento tristeza aparece 8 vezes e foi a palavra que mais se destacou entre os sentimentos negativos. Vejamos:



A tabela a seguir mostra o restante dos sentimentos apresentados pelas crianças na sétima pergunta:



Para terminar este capítulo, com relação às “ações” apresentadas na questão sete, listarei os verbos e as frases escritas por elas (as crianças da quinta série) e destacarei, em ordem decrescente, as que mais foram utilizadas para nomear seus olhares, observações e sentimentos sobre o bullying em suas respectivas escolas.

1º. Violência

3 apontamentos

2º. Perder aulas

2 apontamentos

3º. "Nunca haverá paz"	1 apontamento
4º. "Agressores querem ser o tal"	1 apontamento
5º. "Não quero que isso aconteça"	1 apontamento
6º. "Não posso fazer nada"	1 apontamento
7º. "Não gosto de conviver com agressores)	1 apontamento
8º. "Gosta da escola, nem todos são agressores"	1 apontamento
9º. "A gente não veio para escola para bagunçar"	1 apontamento
10º. "Poucos prestam atenção na aula"	1 apontamento

8. CONCLUSÃO

O bullying está presente e é sempre ativo em todo meio em que exista uma relação interpessoal. Portanto, em uma sociedade como a que vivemos atualmente, a presença de trocas de relações entre pessoas se dá a todo o momento.

Na escola, no trabalho, no clube, na igreja, nas comunidades, no exército, nos condomínios residenciais, enfim, é raro encontrarmos um meio em que não exista uma forma de relacionamento.

Contudo, raro também seria encontrarmos um meio no qual, mesmo com uma forte relação hierárquica, o poder não fosse interpretado e nem utilizado como uma força maior capaz de mandar e intimidar pessoas com menos poder naquela determinada função ou lugar social.

A violência, presente diariamente em nosso meio, possui muitos fatores sociais como justificativa para a sua existência.

A violência é um fenômeno complexo, com inúmeras causas determinantes e diversos tipos de manifestações, tendo sempre um indivíduo ou grupo de indivíduos prejudicados, pela forma repetitiva com que, consciente ou inconscientemente se expressa, e pelas ações ou intenções que causam sofrimentos generalizados. (FANTE, 2005, p.207).

O bullying nasce neste contexto, com algumas características específicas que o diferencia de outros tipos de agressões e de violência, como já especificado neste trabalho.

No Brasil, atualmente, o bullying vem ganhando espaço para discussões e para o seu conhecimento. Porém a maioria dos lugares ainda desconhecem o assunto.

Na escola, quando não se reflete sobre ele, o bullying acontece todo dia e nada é feito para contornar essas situações. Apelidos de mau gosto,

gozações, chacotas e algumas intimidações são vistas ainda como uma atitude típica da idade. Nada é feito para intervir e contornar essas “brincadeiras” que fazem chorar muitas pessoas.

O melhor caminho para todos, não somente para educadores no caso da escola, é a conscientização de toda a comunidade escolar sobre o assunto. Alunos, professores, monitores, funcionários, pais, direção, devem estar cientes do que se trata e comprometidos com o combate ao bullying.

Porém a discussão que trouxe este presente trabalho foi o levantamento das possibilidades de construção do papel de agressor no fenômeno bullying. Como vimos, vários fatores sociais determinam e podem determinar condutas, formas de pensar e de agir das crianças e dos jovens.

A mídia (programas de televisão, rádio, anúncios) e, principalmente a Internet são veículos de comunicação presentes diariamente na vida de quaisquer crianças e adolescentes, influenciando, e muito, na construção de seus pensamentos, valores, enfim, de suas vidas.

A escola, quando desprovida do conhecimento sobre o assunto, torna-se um palco para experiências que nada agradam alguns de seus atores, as vítimas. Para elas, essas vivências trazem distintas conseqüências, de diferentes de intensidade, chegando até mesmo, em casos extremos, a suicídios e homicídios.

Para os agressores este “espetáculo”, cujo palco se dá dentro da escola, porém longe dos adultos, e tem como espectadores outros colegas, as conseqüências também podem ser muitas. Manter no futuro relações agressivas no trabalho e com a família é apenas uma das conseqüências para este personagem do bullying.

Neste trabalho, as crianças entrevistadas nos revelaram dados importantes para entendermos e observarmos um pouquinho mais as formas de atuação e de interpretação do bullying.

Dos vinte e cinco alunos que responderam os questionários, 68% deles identificaram o bullying na escola e a maioria sente tristeza diante às situações de agressão.

O que nos mostra um índice muito alto de ocorrências de bullying na escola. Não é uma tendência isolada, estamos verificando que a maioria dos estudantes, em seu cotidiano escolar, presenciam ou mesmo envolvem-se em situações de bullying.

Segundo os mesmos alunos, como já previsto, o bullying acontece na entrada, na saída, nos intervalos, sempre longe dos adultos. Esses espaços, assim como o banheiro, intervalos entre as trocas de professores na sala de aula, e até mesmo a própria sala quando a professora, de costas, escreve a lousa, são bem definidos como um horário em que as crianças ficam sem uma constante supervisão de um adulto, e assim o bullying acontece.

Mesmo sem a supervisão de um adulto, acredito que o bullying não aconteceria ou, ao menos, aconteceria em menor escala, caso houvesse uma conscientização no sentido de informar e dar subsídios para que o bullying pudesse ser visto e combatido.

Pude constatar com a ajuda deste trabalho que os agressores, muitas vezes, precisam de uma auto-confirmação de seu valor em meio a sociedade, e para isso utilizam formas consideradas agressivas como um meio para chamar para si a atenção de todos.

O agressor é considerado por seus colegas de classe uma pessoa que gosta de levar vantagem em tudo, no questionário, não muito raro encontrei depoimentos de crianças com o seguinte teor: "os agressores querem ser o tal mas não é".

Agem de forma expressiva e muitas de suas ações envolvem agressões físicas como bater, brigar, chutar. Não se incomodam em colocar apelidos, fazer chacotas e quando não, difamar a vítima para expulsá-la de um determinado grupo social.

Este presente trabalho buscou unir teoria e prática em uma pesquisa de pequena escala, mas com proporções e desejo de informar a todos que o bullying existe, machuca traumatizando e deixando conseqüências para quem se envolve nele, mas que possui uma solução ou formas simples de amenização de suas conseqüências.

Considero este trabalho um início de discussão, que espero poder aprofundar em níveis mais elevados na pós-graduação.

Contudo, encerro esta inicial pesquisa deixando claro a necessidade de intervenção para uma melhoria na vida de muitos que sofrem com o fenômeno, pois no bullying, por mais que o tempo passe, as marcas sempre ficarão.

ANEXO 1

Instruções:

1. Agradeço a colaboração de todos por estarem dispostos a participar desta pesquisa.
2. Os dados pessoais como nome, série e escola serão mantidos em sigilo.
3. As respostas poderão ser completadas no verso da página se for necessário.
4. Não existe resposta certa e nem errada para as perguntas a baixo, portanto responda da forma mais sincera possível.

Iniciais: _____ Idade: _____ Série: _____ Sexo: _____ Cor: _____

Escola: _____

OBSERVANDO AS IMAGENS E RESPONDENDO AS QUESTÕES:



1- Todas as pessoas da figura ao lado estão contentes? O que você acha que está acontecendo nesta imagem? →

2- Por que você acha que isso acontece?

3- O que você sente ao ver esta imagem? →



4- Observe bem a figura acima e responda o que você acha que estas pessoas estão sentindo?

a) Quem está jogando o papel: _____

b) Quem está "levando" as "boladas" de papel na cabeça: _____

c) Quem está assistindo: _____



5- Os garotos que estão em pé na fotografia , em sua opinião, estão agindo desta forma por qual motivo? E o garoto que está no chão, tem essa atitude por qual razão?

OBSERVE NOVAMENTE TODAS AS IMAGENS ANTERIORES:

6- É comum estes acontecimentos na escola em que você estuda?

7- Como você se sente em relação a estes acontecimentos?

Obrigada pela atenção!

Utilize o verso das folhas para suas respostas caso necessite.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Deyse Coelho. Internet, educação e preconceito. *Nômadias*, revista crítica de ciências sociais y jurídicas, Minas Gerais, 2006.
- AQUINO, Julio Groppa. Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas / Coordenação de Julio Groppa Aquino. – São Paulo: Summus, 1998.
- BAUDRILLARD, J.; GUILLAUME, M. *Figures de l'altérité*. Paris: Descartes & Cie., 1994.
- CONSTANTINI, Alessandro. *Bullying, como combatê-lo?: prevenir e enfrentar a violência entre jovens* / Alessandro Constantini; tradução Eugênio Vinci de Moraes. – São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.
- FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz* / Cleo Fante. 2ª edição. – Verus Editora, 2005.
- GALLO, Silvio e SOUZA, Regina Maria. *Educação do Preconceito: Ensaio sobre poder e resistência* / Silvio Gallo e Regina Maria de Souza (organizadores). – Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.
- GUIMARÃES, Áurea Maria. *A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade* / Áurea Maria Guimarães. – Campinas, SP: Autores Associados, 1996. – (Coleção educação contemporânea).
- HACK, Cássia. *Lazer e mídia em culturas juvenis: uma abordagem da vida cotidiana*. Mestrado pela universidade federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- HOLLAENDER, Arnom e SANDERS, Sidney. *The Landmark Dictionary: English//Portuguese, Portuguese/English*. – São Paulo: Moderna, 1996.

- JR SANT' ANA, Horácio Antunes. O anjo, a tempestade e a escola; elementos para a compreensão da relação entre a noção de progresso, o marxismo e a pedagogia progressista. Mestrado em Educação Escolar Brasileira da Universidade Federal de Goiás. Goiás, 1993.
- Kinder, D. R., & Sears, D. O. Prejudice and politics: symbolic racism versus racial threats to the good life. *Journal of Personality and Social Psychology*, (40, 414-431), 1981.
- KOLTAI, C. Política e psicanálise. O Estrangeiro. São Paulo: Escuta, 2000.
- LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. The new forms expression of prejudice and racism. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 9, n. 3, 2004.
- MAFESSOLI, Michel. Dinâmica da violência. São Paulo. Editora da Revista dos Tribunais, 1987.
- OLWEUS, Dan. Bullying at school. Oxford e Cambridge: Blackwell, (1993).
- SKILAR, Carlos. A maternidade da morte e o eufemismo da tolerância. Duas faces, dentre as milhões de faces, desse monstro (humano) chamado racismo. In GALLO e SOUZA,(org)Educação do preconceito: ens. sobre poder e res., (p. 69-90), Editora Alínea. Campinas, 2004.
- TEIXEIRA, Gustavo. Transtornos comportamentais na infância e adolescência. São Paulo, Editora Rubio, 2005.
- www.abrapia.com.br, acessado entre DEZ/05 a NOV/06
- www.infowester.com, acesso em 08/11/2006
- www.columbine.hog.ig.com.br, acessado em 12/11/2006
- www.bullying.com.br, acessado em 29/08/2005